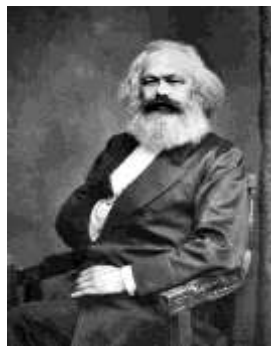


A grande crise financeira trouxe-o de volta ao debate público. E o Marx privado também recebe atenção



Karl Marx, nasceu há 200 anos

“Karl Marx é deturpado, mas está sempre vivo”



Marx é uma súpula histórica do melhor da filosofia, economia, política?

Ele próprio é uma súpula inacabada. Quando Marx morreu, em 1883, estava a aprofundar o estudo das ciências da natureza... Ele beneficiou de Darwin, de Adam Smith... beneficiou de tudo o que lhe foi anterior e transmitiu-nos, à sua luz, tudo a que foi chegando.

Ele... e o companheiro “cúmplice” Engels, uma figura que, na própria vida, é um exemplo de continuidade e de mudança, de altero e autocrítica.

Engels é uma peça fundamental nesta vida?

O *Capital* é o exemplo disso. Marx só publicou o primeiro livro. Os outros foram todos editados por Engels a partir de apontamentos, notas, cadernos... uma série de documentos que Marx deixou, mas não em estado de serem publicados. São três volumes em oito tomos e foi Engels que tudo organizou a partir da base material que Marx deixou. Foi fundamental. Aliás, o *Manifesto do Partido Comunista*, em 1848, é da autoria dos dois. Além de que também há algumas obras só dele. É uma figura importantíssima no marxismo.

Qual é a vigência de Marx atualmente?

Há quem tente escondê-lo, arrumá-lo na história... Tem a vigência da vida! Porque as coisas vão acontecendo por forma que fazem desmentir todos esses esforços de tirar valor ao contributo de Marx. O pensamento de Marx tem a importância imprescindível, para nós percebermos hoje o que se está a passar, de ter descoberto três ou quatro coisas que são fundamentais. E teve a modéstia de dizer ‘o que fiz de importante foi isto...’ mas não falava n’O *Capital*, no *Manifesto*, falava em três ou quatro ideias que não atribuiu a si, que atribuiu a ter tido a capacidade de pegar em ideias de outros e transformá-las em novas, juntando a todas as outras. Num momento histórico, Marx teve a capacidade de apanhar tudo o que recolheu dos outros e dar-lhe um salto qualitativo. Aliás, isso tem a ver com a dialética, com a filosofia.

Tendo Marx descoberto elementos chave para interpretar a realidade, também dizia que mais importante é transformar o mundo. Quais são os contributos nesse aspeto?

Essa é a sua última tese sobre Feuerbach. Porque é que eu estou a sublinhar isto? É que Marx, numa fase de descoberta, deu com a filosofia e é com Feuerbach que se torna materialista porque até aí estava influenciado pelo idealismo hegeliano. Quando passa por Feuerbach, elabora uma série de teses em que a última é essa, e torna-se materialista. Essa frase passa a ser célebre num momento ainda recuado do pensamento de Marx. Em que está longe de dizer como passar da especulação sobre o mundo – sobre a sociedade, sobre o homem, sobre o ser humano – para a sua transformação, mas afirma a sua necessidade. Só mais tarde, no seu percurso, é que chega à economia, à economia política, a começar com os manuscritos e a acabar n’O *Capital*. Esta fase será a crítica da economia política num pensamento integrado e que não existiria sem o que a antecede.

É por isso que uma das grandes mistificações ou aldrabices contra Marx tem a ver com a preocupação de o dividir em duas fases: o jovem Marx e o Marx revolucionário. Não! Nessa

passagem que tu referiste está em evolução do especulativo para o transformador. Transformar, como? E aí aparece a apreensão do funcionamento da economia. É a fase final do percurso que acabou com a morte dele, mas que continuou com Engels e que tem de continuar conosco.

Mas que aspetos da vida e da obra de Marx é que contribuíram para a transformação daquele tempo?

Claramente a noção de mais-valia. A partir da teoria do valor e do carácter dual do trabalho; da leitura histórica de que os seres humanos, pela sua posição no processo de aproveitar os recursos pelo trabalho criador para satisfazer necessidades, há um momento em que se dividem em classes sociais. E como é que elas vão mudando. Como é que a classe burguesa, desde o final do século XVIII, é predominante, e é dominante através da apropriação de mais-valia por ser proprietária de meios de produção, e criou a classe operária e o assalariado.

Ainda hoje a propriedade dos meios de produção é central do poder político económico

É. Mas com dados novos e facetas novas. Não é evidente porque, como resposta de um processo histórico, que corresponde àquilo que é a leitura histórica que colhemos em Marx, há que perceber como é que neste processo, em que o motor será a satisfação das necessidades – como seres humanos temos necessidades: de comer, de nos abrigar, de lutar contra outros animais, de preservar o meio-ambiente ... –, como é que este processo tende a evoluir através da criação de meios e, para isso, sabendo que esses meios se vêm transformando a cada momento. Era muito claro e era muito evidente, na altura do Marx, que o operário, com os meios de produção de que foi desapossado e de que outros se apropriaram, produzia aquilo de que necessitava.

Isto já não é tão evidente porque se criaram meios de produção muito mais elaborados em que o corpo humano foi substituído por peças cada vez mais complexas. Se nós pensarmos que o sucessor da enxada é o computador, se pensarmos que o telemóvel é o que prolonga a nossa voz para comunicar com os outros, e como é que isso complexificou, vemos como é que os meios de produção se transformaram também.

Ainda assim, os detentores do poder político continuam a ser os detentores dos meios de produção...

Diria o contrário...

O que acontece é que tudo se tornou menos evidente, menos (ou mais...) aparente. Marx tem uma frase interessante onde diz que se a essência fosse igual à aparência não havia ciência. É curioso como a aparência se tem vindo a sobrepor àquilo que era evidente, não apagando a essência. Há um aparelho ideológico.

Não há é a certeza de que esse aparelho ideológico esteja consciente da ideologia. As coisas correm, há quem as aproveite sem ver a essência desse aproveitamento. Parece interessante, como contributo de Marx, ele ser muito crítico, mas não ser juiz. Isto quer dizer que o que nós temos de condenar ideologicamente é um sistema e não os seus fautores porque se não pode entrar-se numa via que me parece ser perigosa que é a de se estar contra os capitalistas e não se ser contra o capital como relação social.

Porque é que Marx reaparece sempre?

Não será Marx que aparece sempre, reaparece sempre aquilo que Marx investigou. Reaparece sempre porque houve leis do processo histórico a que Marx chegou através do estudo, da reflexão, da ação e reaparece repetindo-se, repetindo-se sempre como se novo fosse. Particularmente nestes duzentos anos que estamos a atravessar, a luta de contrários pode levar das fricções às agressões e como os detentores da predominância da relação social,

na correlação de forças, para manterem a dominância, podem ser capazes de tudo se não forem travados pelos outros. É que **vivemos num momento histórico em que se pode comprovar mais uma vez que à classe dominante serve a guerra para manter a dominância, enquanto que à classe dominada ou explorada só interessa a paz.** Só assim é que conseguirá avançar... ou então ganhando o conflito.

Agora estamos perante uma realidade assustadora porque a evolução das forças de produção foi de tal ordem que podem tornar-se na destruição da própria espécie humana, da humanidade. Fica muito claro que uma luta que se torna vital é a luta pela paz. E isto confronta outro aspeto interessante em que, mais uma vez, Marx reaparece que é a questão de como é que estamos numa fase em que as crises do capitalismo tomam uma expressão que é absurda, através de uma forma imaterial. A moeda perdeu materialidade. Marx já previa que o crédito, que o dinheiro sem base material viesse a ter importância. Naquela altura não tinha. As relações materiais foram-se complexificando por forma a que a classe dominante, através dos seus meios, impôs a desmaterialização. Isto é possível por quanto tempo?

Há cada vez mais leituras sobre Marx, nomeadamente no meio académico, que o afastam do carácter revolucionário. Porque é que isto acontece?

Quando eu era estudante, Marx foi-me apresentado por um professor católico e, na altura, foi uma revelação. Mas aquele Marx que aquele professor me apresentou não é o que eu vim a conhecer, era o primeiro -Marx, o que estava no início do seu percurso.

As academias não podem afastar-se de Marx porque não pode acontecer a Marx o mesmo que acontece a Keynes. Keynes fez algumas descobertas interessantes para os economistas, dentro do sistema, dando como adquirido parte da realidade que está em mudança, mas sendo forçado a aceitar aspetos como o da socialização do investimento, que a classe dominante não pode aceitar. Daí que Keynes seja banido de vez em quando, ao contrário de Marx. Marx nunca é banido, é posto de lado, é deturpado, mas está sempre vivo.

E a ideia de que se pode construir um sistema capitalista humanizado?

Essa é a via/desvio social-democrata. Há um elemento importante no pensamento de Marx que não é considerado como fundamental que é o da “ditadura do proletariado”. Só é possível a passagem de uma relação social dominante para outra através de um período em que o dominado domine.

Tem sido historicamente procurado, através do controlo político e institucional – de uma democratização parcial –, impor à classe que domina a correlação de forças, regras que não lhe servem.

A social-democracia existe e insiste. Mas, dentro do capitalismo, com a classe detentora dos meios de produção a dominar o político, as experiências que têm sido feitas não têm resultado, na perspetiva revolucionária. Nem poderiam. Antes preservam a dominação, a exploração do homem pelo homem.

O nosso processo revolucionário também encarna os princípios políticos de Marx?

Marx, ao ser guia para a ação, não ensina como fazer. Não dá respostas dogmáticas ao ulterior *Que fazer?*, de Lenine.

No nosso processo, demos passos em frente que naquelas condições foram possíveis. A nossa experiência foi tão importante que continua a ser, apesar de parecer deixar de ser...; tão importante que, enquanto que noutras situações foram desaparecendo os partidos de classe, os sindicatos de classe, e a classe ficou sem sindicalismo e sem organização política. Em Portugal, não.

Está presente, influentemente, a força que vem de trás e que nasceu em meio século de fascismo e de resistência. É condição de Marx não deixar de ver o processo histórico no momento em que ele se está a concretizar. Há um aspeto muito importante que Marx nos traz

como contributo. Se é fundamental a existência de organizações que continuem o seu contributo, quer políticas quer sindicais, é indispensável que essas organizações de nenhuma maneira se transformem em coletivos de elites, devem manter-se vanguarda. As elites separam-se das massas, a vanguarda são a primeira linha das massas e, assim sendo, a vanguarda transforma-se em elites se se afasta das massas. O que eu quero dizer é que é fundamental a tomada de consciência do processo histórico. Do papel das classes, do seu lugar na História.

SÉRGIO RIBEIRO, doutorado em Economia.

Entrevista de BRUNO AMARAL DE CARVALHO

http://www.vozoperario.pt/files/maio_2018.pdf



Se para os cristãos, o amor não é, apenas, um preceito, mas sim o conteúdo sobre o qual o cristianismo está edificado, se é a “pedra angular”, o apego ao dinheiro, fonte de desamor, não se restringe a um problema ético, mas é um ataque direto à fé.

Capitalismo, Dinheiro e excrementos

O filósofo italiano GIORGIO AGAMBEN, um dos relevantes protagonistas do pensamento crítico, na viragem do século XX para o século XXI, disse, numa entrevista em 2012, que “Deus não morreu, transformou-se em Dinheiro”. A afirmação de Agamben inspirou-se noutro filósofo, um protagonista da primeira metade do século XX, um pensador fora de série, Walter Benjamin. Na sua curta e densa obra *O Capitalismo como Religião*, de 1921, Benjamin escreveu que o capitalismo é, em si mesmo, a religião mais implacável que alguma vez existiu, que promove um culto ininterrupto ao Dinheiro, “sem tréguas nem piedade”, uma religião que não visa a reforma da pessoa, “mas o seu esfacelamento”. [Benjamin, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2013, p. 22]

O filósofo alemão sugeriu uma comparação entre as imagens dos santos das religiões e as notas de dinheiro de diversos países – ele não imaginava, à época, que este Deus-dinheiro viria a ser diretamente enaltecido nas notas dos EUA (*In God we Trust*, em Deus Confiamos) e, desde 1980, também no Brasil, onde em todas as notas se lê a frase de adoração à moeda corrente: Deus seja louvado.

Ambos os países foram influenciados por uma frase de Jesus, que surge como tema central da liturgia católica do 8º Domingo do Tempo Comum, às portas do período quaresmal que antecede a Semana Santa e a Páscoa: “*Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro.*” O texto proclamado é do Evangelho de Mateus (Mt 6,24-34). A oposição entre Deus e o dinheiro é um tema central ao longo da história e, para Jesus, a relação de cada pessoa com o dinheiro, é definidora da sua relação com os outros e com a vida.

Como é que esta questão surge na vida das pessoas? A psicanálise procurou investigar a relação entre o ser humano e o dinheiro, e chegou a conclusões que, à primeira vista, podem soar surpreendentes e inacreditáveis. Como refere o sacerdote jesuíta e teólogo espanhol Carlos Dominguez Morano, o dinheiro é um assunto crucial, apesar de muitas vezes escamoteado - como o sexo. Na verdade, o tema nunca é “só dinheiro”. As relações dos homens e das mulheres com o dinheiro, comportam dimensões nem sempre lógicas, que extrapolam o discurso racional mais ou menos organizado – é sempre “algo mais” do que dinheiro. [Morano, Carlos Dominguez. *Crer depois de Freud*. 3ª edição, São Paulo, Edições Loyola, 2003, p.233] A psicanálise revelou-nos que, na relação das pessoas com o dinheiro “está, também, implicada uma ‘questão de amor’; dito em termos mais freudianos, uma questão de ordem libidinal, inconsciente e com raízes na infância. O que nos permite compreender, entre outras coisas, por que razão, tal como sucede com a sexualidade, o dinheiro provoca tantas reações de dissimulação, falso pudor e hipocrisia.” [Ibid. Morano, 2003, p. 234]

Há uma questão oculta que Freud trouxe à tona – e que causou enorme mal-estar: a intimidade entre a nossa relação com o dinheiro e a fase da libido anal, relacionando-o com os excrementos.

Freud descobriu que, para os adultos, o valor nuclear do dinheiro é análogo ao altíssimo valor que os excrementos possuem para as crianças. Outro psicanalista, Sandor Ferenczi, do grupo de Freud, demonstrou, passo a passo, o caminho pelo qual a criança efetua a sublimação do conteúdo anal até chegar, finalmente, à transmutação simbólica em dinheiro. “A matéria fecal vai passando por uma série de substituições, nas quais vai, progressivamente, distorcendo a primitiva satisfação autoerótica relacionada com a defecação: o barro, a areia, a pedra, os jogos com berlindes e botões, tudo isto objetos que proporcionam tanta satisfação à criança, que facilitam a substituição do fétido, duro, mole, pelo inodoro, seco duro.” [Ibid. Morano, 2003, p. 236] O dinheiro ingressa nesta cadeia de sublimações por um caminho complexo, até desvincular-se de toda a aparência com a sua “fonte original”, e permitir o surgimento da máxima de que o dinheiro não tem cheiro (*pecunia non olet*).

A relação entre as fezes e o dinheiro pode, à primeira vista, parecer um absurdo. Mas, se observarmos com abertura de espírito, veremos que são abundantes e recorrentes as imagens e símbolos que, ao longo da história, desvendaram a relação que os homens estabelecem entre as fezes e o ouro ou o dinheiro. Uma delas é a figura do “cagador de ducados” que aparece representada nos portais dos bancos alemães. São inúmeras as expressões populares que consagram esta associação, sem que nos demos conta disso.

Quando uma pessoa tem muito dinheiro dizemos que está “podre de rica”; se o dinheiro tem origem suspeita, falamos em “dinheiro sujo” e, ao contrário, se a pessoa está sem dinheiro, dizemos que está “limpa”; ou que está “à rasca”. Esta relação foi percebida mais de mil anos antes de Freud, numa intuição genial do bispo Basílio de Cesareia, em meados do século IV. São Basílio decretou: o dinheiro é a caca do diabo. A expressão foi posta de lado pelos cristãos séculos a fio, até que São Francisco, no século XII, citou Basílio; agora, foi novamente trazida à luz do dia pelo Papa Francisco, em fevereiro de 2015, apesar de ele ter preferido usar a palavra “esterco”, talvez menos crua.

Como se dá esta articulação dinheiro-fezes? A psicanálise explorou as relações entre as dinâmicas de possessão, características da fase anal, e de propriedade, base fundadora da civilização ocidental e, especialmente, do capitalismo.

Quando uma criança deixa cair as suas fezes, sente a dor de ter deixado escapar algo que lhe era tão essencial, que estava dentro de si, que fazia parte do seu corpo, e que não mais conseguirá reaver; a isto chama-se possessão. A propriedade refere-se a objetos externos, mas que deveriam pertencer-me, “coisas que de facto estão fora, mas que, simbolicamente, estão dentro”. São objetos revestidos de “qualidade do eu”. Para muitas pessoas, talvez a imensa maioria no capitalismo, o dinheiro reveste-se desta qualidade do eu. O que origina processos intensos de defesa e projeção. Para essas pessoas, perder dinheiro é muito mais do que a perda de algo externo, exterior; trata-se, antes, da perda “de algo que foi previamente in-corporado”, ou seja, algo que se tornou parte de mim. A posse e controlo do dinheiro, têm o mesmo papel que o controle da atividade defecatória para a criança face ao mundo exterior. Uma “relação regressiva com o dinheiro ou com a propriedade de objetos” fica impregnada pela dimensão possessiva (retentiva) da fase anal. [Ibid. Morano, 2003, p. 239]

O resultado é avassalador: o amor ao dinheiro, quando extravasa as suas funções de adaptação à realidade, acaba por ser a expressão duma dimensão infantil da afetividade, o que implica uma dominância do narcisismo, um desenvolvimento truncado da afetividade (da relação com o outro, da capacidade de amar e/ou odiar) e do autorrespeito e respeito pelo outro. [Ibid. Morano, 2003, p. 240] Esta infantilização narcisista dos ricos ou, dos “novos ricos”, numa expressão recorrente de Basílio, é facilmente verificável na convivência com eles, e alastra em sucessivas ondas pela indústria do entretenimento, especialmente no cinema destinado ao grande público.

Ter e reter dinheiro são contínuas tentativas de encobrir as carências internas, e de adquirir segurança. Lembro-me de uma conversa com um consultor de investimentos sobre um casal, cliente do banco em que ele trabalhava. Eles tinham organizado uma série de planos de controlo financeiro (como se a vida pudesse ser contida em planos financeiros Excel) e chegado à conclusão de que, quando tivessem R\$ 20 milhões em aplicações financeiras (excluídos bens como casa e carros), poderiam, finalmente, “desestressar” e encarar a vida com tranquilidade. Esta posição levava-os a frequentes crises de insegurança e de angústia extrema, pois, como escreveu Erich Fromm, “se sou o que tenho e o que tenho se perde, então quem sou eu?” [In Morano, 2003, op cit., p. 240].

Ou, complementando a expressão de Fromm: se sou o que tenho e nunca tenho o que considero suficiente, sempre haverá uma “insuficiência de mim” que precisará de ser coberta e recoberta pela necessidade de cada vez maior acumulação, enquanto o fosso da insegurança se vai aprofundando, na medida em que a aterradora possibilidade da perda de dinheiro para outro surge como um fantasma permanente. É uma vida em estado de guerra permanente para defender o que é “meu”, contra quem deseja apropriar-se dele, que tanto pode ser um competidor, como políticas públicas dum determinado governo que deixam de favorecer o crescimento da minha fortuna, ou os pobres que se mobilizam para ficarem com dinheiro do governo que me pertence “de direito”. É que, efetivamente, o capitalismo garante-me que tenho direito a possuir tudo e tudo reter para mim, sem limites.

Sim, o capitalismo é, numa linguagem popular, o encontro da fome com a vontade de comer. Nele, esta condição pulsional presente na vida de cada ser humano é organizada como um sistema social que alcançou, na expressão de Benjamin, a dimensão suprema de um culto organizado e sistemático. O psicanalista austríaco Otto Fenichel demonstrou como, antes de tudo, a função real do dinheiro numa sociedade determina o alcance e a

intensidade das tendências pulsionais de retenção. Tais processos acontecem em sociedades caracterizadas por estruturas económicas, sociais e culturais determinadas, por uma Igreja determinada, alcançando, deste modo, dimensões que, levando em conta as escolhas e histórias individuais, as situam num contexto geográfico-temporal preciso.

Portanto, a “mobilização para a guerra” que garante a cada indivíduo o seu “direito supremo à retenção”, é a mantra do capitalismo, e “mobiliza a hostilidade como tendência a despojar o outro, de modo a fazer com que o desejo de cometer fraude, explorar e frustrar os outros acabe por se converter numa autêntica norma cultural.” [Ibid. Morano, 2003, p. 243] Esta hostilidade torna-se a base relacional que se reproduz em todas as relações, mesmo nas mais íntimas: assim, por exemplo, o encontro com o outro ou a outra para a vida amorosa e o casamento, converte-se numa série de cálculos e contratos e precauções, tendo em vista a futura possibilidade de separação e rompimento.

A dissonância absoluta entre o amor pelo dinheiro e o amor a Deus, proclamada por Jesus, atinge dimensões dramáticas no interior de um sistema no qual o dinheiro ocupa o lugar de Deus. Trata-se de uma incompatibilidade radical, apesar de todos os esforços dos rigoristas e integristas católicos, dos neopentecostais e outros cristãos para amenizar as palavras de Jesus e relativizá-las: “Não é possível amar a Deus, isto é, amar a generosidade, a entrega, a solidariedade, a compaixão e a misericórdia e, ao mesmo tempo, amar o dinheiro, isto é, amar o arrecadar tudo para si, a acumulação que é a base de toda a injustiça e de todo o desamor: fome, guerra, exploração, morte etc.” [Ibid. Morano, 2003, p. 246]

Eis o que tem feito, constantemente, o papa Francisco: uma das marcas de seu pontificado é, de facto, a denúncia da submissão ao Deus-dinheiro. A primeira vez em que explicitou esta sua postura foi dois meses após a sua tomada de posse. Em maio de 2013, num discurso que já prenunciava a revolução nascente no Vaticano, afirmava que, no capitalismo, “criamos novos ídolos; a adoração do antigo bezerro de ouro encontrou uma nova e impiedosa imagem no fetichismo do dinheiro e na ditadura da economia sem rosto nem propósito verdadeiramente humanos”; que a base deste culto ao Deus-dinheiro estava “na relação que temos com o dinheiro, em aceitar o seu domínio sobre nós e sobre as nossas sociedades”. Três anos depois, numa entrevista, em agosto de 2016, o papa sublinhava de novo: “No centro da economia mundial está o deus Dinheiro, e não a pessoa, o homem e a mulher”. Na mensagem para a Quaresma de 2017, período que se inicia com a Quarta-feira de Cinzas, Francisco foi taxativo: “A ganância do dinheiro é a raiz de todos os males”.

Se, para os cristãos, o amor não é, apenas, um preceito, mas sim o conteúdo sobre o qual o cristianismo está edificado, se ele é a “pedra angular”, o apego ao dinheiro, fonte de desamor, não se restringe a um problema ético, mas é um ataque direto à fé. A fidelidade a Deus fica interdita para aquele que não opta pela escolha d’Ele e que, por caminhos explícitos ou cheios de sombras, ilusões e autoenganos, decide adorar a coisa: o dinheiro.

É por isso que as religiões contemporâneas estão profundamente abaladas no seu fundamento e que, muitas delas, - ou tendências poderosas no seu seio, como no caso da Igreja Católica, - realizam, explícita ou implicitamente, operações de substituição de um culto pelo outro, colocando o dinheiro no lugar de Deus. Tornam-se promotoras da tendência pulsional identificada por Jesus e profundamente estudada pela psicanálise e igrejas-sucursais da “religião oficial”: o capitalismo.

MAURO LOPES. Editor do blog *Caminho pra Casa*, em artigo publicado por *Outras Palavras*, 27-02-2017.